

59 BC tenta recuperar dólares perdidos

O Banco Central não tem qualquer estimativa de prazo para a recuperação das reservas internacionais que, segundo fontes do Governo, tiveram uma queda de cerca de US\$ 6,5 bilhões em outubro, com a crise das bolsas. "É impossível precisar esse tempo", avaliou ontem o diretor de Assuntos Internacionais do BC, Demóstenes Madureira de Pinto Neto.

Embora garanta que "parte significativa do que foi vendido já foi recomprado", Pinho Neto salienta que "muitos bancos internacionais e multinacionais que têm posição mais conservadora podem esperar mais tempo" antes de desfazerem-se dos dólares que ficaram em caixa e voltar a aplicar no mercado financeiro, beneficiando-se das taxas de juros.

Na avaliação da chefe do Departamento de Operações das Reservas Internacionais (Depin) do Banco Central, Maria do Socorro Carvalho, o carregamento de dólares, ou seja, manter os dólares em caixa está muito caro para as instituições. Isso por dois motivos. Primeiro por causa dos juros altos, pois a compra de dólares é financiada com reais. Com a elevação das taxas, essas operações ficaram caras. E também porque o Banco Central reduziu para zero a remuneração dos dólares que são compulsoriamente depositados em seu caixa. O limite imposto aos bancos é de US\$ 5 milhões e o excedente vai para o BC.

Compra - Maria do Socorro assegura que, enquanto na semana passada

o BC fez sete leilões de venda da moeda estrangeira para manter a cotação do dólar no teto da banda cambial, o leilão de compra ontem teve o objetivo de segurar o dólar no piso na banda. No início do dia, segundo Maria do Socorro, a cotação estava entre R\$ 1,1030 e R\$ 1,1040. Com o leilão, a cotação voltou ao piso de R\$ 1,1025. "Recolhemos uma grande parte", diz a chefe do Depin que, a exemplo de Pinto Neto, prefere não revelar valores.

Diagnóstico - O diagnóstico do diretor e da chefe do Depin é de que ontem teve início um período de tranquilidade. Mesmo assim, Pinho Neto trabalhou no Banco Central, em São Paulo, com a mala pronta no carro para qualquer emergência que implicasse no seu deslocamento para Brasília. "Tínhamos a impressão de que seria calmo, mas seguro morreu de velho", disse ele, acreditando que "o momento mais intenso já passou". É possível, no entanto, segundo avalia o diretor, que os mercados ainda vivam "períodos de turbulência" até a acomodação.

A avaliação do diretor do BC é que o Brasil foi mais fortemente atingido pela crise, "que veio de fora", por ter papéis muito líquidos. É o caso, segundo citou, das ações da Telebrás, dos bradies (papéis de países que renegociaram a dívida externa com redução), dos Interest Due Unpaid (IDU) - papéis referentes a juros não pagos e renegociados pelo Brasil - e, ainda, os C-Bond, os títulos de capitalização da dívida externa.